

UM POUCO SOBRE MARCEL PROUST

FRAGMENTO DE ENSAIO

A Gazeta, 1943.

Transcrito da revista: Moça – sine die, dezembro de 1938.

E aqui não improvisaríamos novidade se afirmássemos que sob essa aparência gélida de desinteresse, Proust tentou criar em si o modelo do apóstolo, do homem que tem alguma coisa de sério a mais para dizer.

Talvez Proust quisesse permanecer um exemplo. Porque sua obra, em parte, é uma mensagem. Aponta direções, faz sistema, é uma satisfação a certas tendências do nosso sentimento de vida.

Proust não escreveu pelo simples prazer de criar mundos, de revelar incógnitas. Ele queria atuar sobre o espírito do leitor, queria ser compreendido, que fossem as suas idéias aceitas, que fosse o seu mundo interpretado logicamente, que bem ficassem caracterizados o conteúdo e a forma da sua obra.

“**Une journée de lecture**” é o catecismo artístico proustiano. Define os limites da criação literária, estipula regras de estética, fixa a função do livro na vida espiritual, ensaia um verdadeiro método de intervenção do autor na formação das idéias do leitor. Isto para que os resultados sejam os esperados, para que os efeitos não contrariem as manifestações do espírito que se transmite.

O livro é um incitamento de emoções. Não responde e não resolve problema algum. Não traz, nem pode trazer, a razão definitiva da existência das coisas e dos seres. O livro é desejo, é emoção, é sentimento. Ler para saber algo é pura

ilusão. Ler, sim, para sentir, para absorver novas vidas, embriagar o espírito ocioso com estranhas músicas e melodias invulgares.

O livro vale pelos prazeres que provoca, pela intensidade das emoções inevitáveis que trazem consigo a força de substituir a visão normal da vida. “Um livro não contém mais realidade que uma igreja, que uma cidade ou que uma mulher”.

O papel do livro situa-o nos limites das energias do espírito. O livro estabelece a comunicação de pensamentos, traz a mensagem de um espírito para outros espíritos. Seja de que valor, essa mensagem é sempre uma manifestação de inspiração ou de sentimento.

As belas maneiras do espírito, a sua natural elevação é uma resultante da leitura, do esforço de compreensão do pensamento alheio. “Toda arte poética de Proust se deduz de suas reflexões sobre a leitura. O papel da obra de arte será, antes de tudo, um motivo para sonhar, para pensar, servir de excitante, convidar o leitor a olhar as coisas, os seres, os sentimentos debaixo de um ângulo visual insólito no sentido de invulgar, extraordinário, incrível. A obra de arte é uma luta contra os costumes. Nessa visão normal da realidade é uma visão passiva, automática, onde impera, como soberano absoluto, o costume. A missão do artista consiste em romper esse automatismo, em convidar-nos a perceber o real de uma maneira ativa, em revelar-nos o que o costume dissimula e encobre. Assim, pois, o artista deve ser, com certa medida, um anormal”.¹

O fim do homem de arte, do pintor ou do poeta, do romancista ou do contista, será por certo o de fazer a revisão dos valores, rompendo com a estabilidade e o equilíbrio social do meio ambiente. O homem existe pelo espírito. Mesmo o iletrado e o ignorante encontram encanto e satisfação na beleza das fantasias interiores que incentivam. Não há quem não procure fugir às determinantes universais da vida comum. Toda a existência do homem é – sabemos – uma história de rebeldias.

Cada personagem de Proust é um homem novo, porque nós vamos situar os seus personagens pelos desvios espirituais que o linguajar revela. Toda personalidade está no modo de falar, no jeito de dizer o que sentem e o que pensam.

Todo prestígio, todo sucesso dos livros de Proust, não foi só devido àquilo que Albert Thibaudet chamou de decomposição de após guerra. Como melhor

explica Massis, todo sucesso proustiano surge do conflito nascido do moral e do imoralismo e da sua incapacidade de ao menos manter vivo um ideal ou uma fé, uma orientação moral sequer.²

O livro ideal, segundo Proust, “é aquele que destrói pela análise a visão normal do universo ou de uma parcela do universo e reconstrói outra, por inteiro original e subjetiva, que aumenta a atividade espiritual de uma minoria mais seleta, orientando-a em um novo sentido e se impondo lentamente à massa”.³

Como profeta, Proust aceita o livro como elemento de educação. A sua arte basta como instrumento de investigações. Reunindo inteligência, sensibilidade e temperamento artístico, Proust chegou a descobrir a nova dimensão da vida. Não há mais hipocrisia no domínio da arte, explicou Jean Jacques Riviére, depois que o romance é um caso de consciência ou sensibilidade.

Como ninguém, Proust possuiu a percepção do que chamamos viver intensamente. É o investigador e o esteta, o homem e o artista, um explorando o outro num trabalho de interpenetração, de mútua compreensão, onde intervém a consciência contra as aparências enganosas do instinto e do costume.

Essa alta luta, por certo, teria que ser escrita. Outros homens, menos ou mais humanos, deveriam conhecer o que pôde realizar o superimpressionismo proustiano, e o que significa essa palavra tão enigmática para os futuros analisadores da alma do homem.

Os exemplos de Schopenhauer e Renoir fizeram com que Proust, depois de cada descoberta, imediatamente a cada nova penetração, escrevesse sobre o seu admirável trabalho de recriação artística.

E Proust buscou, no livro, o milagre da comunicação e do entendimento, “porque o que sabemos não é nosso”,⁴ é também daqueles que nos entendem e que conosco sentem a aproximação do mesmo sonho e ainda observam o mundo sob aquele mesmo “ângulo visual insólito”.

¹ De Benjamin Crémieux.

² Henri Massis – *Le Drame de Marcel Proust*.

³ Benjamin Crémieux – *Marcel Proust – Revista de Occidente – n. XIV – 1924*.

⁴ “*A L'Ombre des Jeunes Filles en Fleurs*”.